



MERCADOS NO CONTEXTO DO SUSTENTA¹

Nelson Capaina, Yara Nova e João Mosca

RESUMO

Em 2017, foi lançado o programa SUSTENTA, em nove distritos nas províncias de Nampula e Zambézia, e, em 2020, passou para implementação a nível nacional. Este documento é parte integrante de um projecto de pesquisa que pretende fazer uma avaliação preliminar do programa nos distritos onde foi inicialmente implementado, analisando o período 2017-2019. Neste texto, em particular, analisa-se a componente dos mercados, uma das sete componentes do programa. Foram entrevistados e inquiridos Pequenos Agricultores Comerciais (PACEs) e Pequenos Agricultores (PA).

Os dados indicam que o SUSTENTA não alterou e não existem indícios de estar a introduzir mudanças importantes na economia agrária local, no que se refere à estrutura dos mercados. Os velhos “problemas” continuam: fraco acesso ao mercado de dinheiro, estrutura distorcida de mercados pela presença de comerciantes de “fora”, estruturas de monopólio do lado da oferta de insumos, que chegam tarde e são de má qualidade, e dificuldades de comunicação institucional com os produtores.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura moçambicana é predominantemente de subsistência, com baixos níveis de produtividade e de produção. O PEDSA tem como objectivo converter esta agricultura numa agricultura competitiva e sustentável, orientada para o mercado². Considerando o anterior, o mercado é a instituição que influencia os produtores sobre as decisões do que e como produzir, quantidades, como processar e realizar a venda. Existem ainda outros factores, entre os quais, os preços dos factores de produção, as vias de acesso, as

¹ Este texto é parte da série de Destaques Rural resultante do projecto “Avaliação Intercalar do Programa Sustenta”. Estudo patrocinado pela projecto *Rosa Luxemburg Stiftung* com recursos do Ministério Federal de Cooperação Económica e Desenvolvimento da República Federal da Alemanha. Esta publicação ou partes dela podem ser usadas por terceiros gratuitamente, desde que forneçam uma referência adequada à publicação original. O conteúdo da publicação é de responsabilidade exclusiva do parceiro e não reflecte necessariamente a posição da RLS.

²Ministério da Agricultura (2011). Plano estratégico para o desenvolvimento do sector agrário (PEDSA, 2011-2020).

infra-estruturas de transporte e armazenamento, e os riscos inerentes à produção até à fase de pós-colheita.

O mercado é o mecanismo pelo qual vendedores e compradores interagem para determinar os preços, as quantidades a produzir e consumir e a troca de bens e serviços³. Samuelson, P. e Nordhaus, W. (2005) acrescentam que, a curto prazo, os preços altos tendem a reduzir a procura e a estimular a produção, enquanto os preços mais baixos estimulam a procura e retraem a produção. Os mercados procuram um equilíbrio entre a procura e a oferta, num processo de equilíbrio entre vendedores e compradores.

O PEDSA refere que o deficiente manuseamento pós-colheita, a falta de infra-estruturas adequadas de armazenamento, a insuficiente aplicação de normas de qualidade, a falta de acesso ao crédito nas fases de produção primária e de comercialização, a pouca disponibilidade de informação sobre mercados e preços e a falta de serviços de extensão, entre outros aspectos, dificultam o estabelecimento de ligações mais próximas entre os agricultores e os mercados e entre o funcionamento efectivo dos mercados de insumos e de produtos agrários.

Um dos quatro pilares do PEDSA é de acesso ao mercado que pretende criar serviços e infra-estruturas conducentes ao investimento agrário, incentivando o aumento da produção agrária e inovação tecnológica orientada para o mercado. Além de serviços e infra-estruturas, também se menciona um sistema de informação eficaz sobre os preços dos insumos e dos produtos. Isso, no seu conjunto, contribui significativamente para reduzir os custos totais e de transacção e para incentivar a participação do sector familiar no mercado.

Segundo o Ministério da Agricultura⁴, o sector familiar tem uma participação reduzida nos mercados, particularmente no que respeita à capacidade de resposta dos agricultores aos sinais de mercado e preços⁵. O SUSTENTA pretende promover a ligação de mercado entre os diferentes actores das cadeias produtivas, financiando a produção, o garante da demanda de insumos, e a comercialização, assegurando, assim, o fluxo de bens e produtos das cadeias produtivas⁶.

Este texto resulta do trabalho de campo realizado nas províncias de Nampula e da Zambézia, nos distritos abrangidos na primeira fase do programa, onde foram inquiridos

³ Samuelson, P. e Nordhaus, W. (2005). *Economia*. 18ª Ed. Madrid, McGraw-Hill.

⁴ Ministério da Agricultura (2011). *op. cit.*

⁵ Embora esta afirmação esteja contida no PEDSA, na realidade, a variação da produção e respectivas áreas alocadas por cultura (estrutura produtiva) dependem, em grande medida, das garantias de comercialização, dos preços relativos entre os bens e das funções a maximizar e minimizar, por exemplo, a relação entre a autossuficiência alimentar e a obtenção de rendimentos monetários e a minimização dos riscos durante a produção e das perdas pós-colheita. Os resultados deste estudo, para além de muitos trabalhos publicados, evidenciam estas afirmações.

⁶ Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (s/d). SUSTENTA. Maputo, MADER.

e entrevistados PACEs e Pequenos Agricultores (PA), e técnicos e responsáveis em diferentes áreas pelo programa aos níveis provincial e central.

Para além da introdução, o texto está estruturado nos seguintes pontos: mercado em geral; mercado de insumos; mercado de capitais; mercado de produtos ao nível do produtor; e, finalmente, as conclusões.

2. MERCADOS

O limitado acesso ao mercado aparece como um dos determinantes para a prevalência da pobreza rural. Para melhorar este cenário, o Governo entende que, além das infra-estruturas básicas, como as estradas, é necessário que se criem infra-estruturas ligadas aos mercados, de conservação da produção (armazenamento), serviços mínimos (energia, água) e de um sistema de informação eficaz sobre os preços dos insumos e dos produtos, que contribuam para incentivar a participação do sector familiar no mercado⁷.

A comercialização é referida como desempenhando um importante papel na economia nacional, constituindo uma das principais fontes de rendimento das populações da zona rural, um mecanismo de integração da produção e do mercado entre a zona rural e os centros urbanos e é um instrumento indutor da produtividade agrícola⁸. Nesse contexto, o governo, através do Ministério da Indústria e Comércio, procura elaborar anualmente planos operacionais para a comercialização e monitoria dos excedentes agrícolas, com enfoque na promoção de ligações de mercado com a indústria nacional e com os grandes intervenientes na cadeia de comercialização⁹.

Nesta componente, refere-se que o SUSTENTA estabelece as ligações entre o PACE e outros intervenientes das cadeias de valor, nomeadamente, os PAs, provedores de insumos e compradores da produção. Acrescenta-se que, neste processo, os colaboradores¹⁰ do programa SUSTENTA identificam potenciais compradores de produção agrícola e fornecem assistência na negociação de preços e comercialização entre as partes envolvidas¹¹.

Na lógica do SUSTENTA, a ligação dos mercados de insumos e os de produção agrícola seria observada da seguinte forma: o PACE fornece, a crédito, insumos de produção ao PA, que, por sua vez, assume o compromisso de, no fim da campanha agrícola, vender a produção ao PACE. O PACE faz chegar a produção ao mercado onde, posteriormente, adquire os insumos que fornece aos PA.

⁷. Ministério da Agricultura (2011). *op. cit.*

⁸. Ministério da Indústria e Comércio (2013). Plano integrado de comercialização agrícola. Maputo, MIC.

⁹. Ministério da Indústria e Comércio (2018). Plano operacional da comercialização de cereais. Maputo, MIC.

¹⁰. Técnicos e extensionistas.

¹¹. Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural (s/d). Balanço do SUSTENTA, Iº Ciclo Produtivo. Maputo, MITADER.

a) Mercado de insumos

O acesso e uso eficiente de insumos (sementes, fertilizantes, pesticidas, inoculantes¹² e outros agro-químicos) é um dos factores importantes para aumentar a produtividade e produção agrícola. Woodhouse¹³ refere que os mercados de insumos dinâmicos resultam de investimentos complementares em estradas, sistemas de irrigação, infra-estruturas de comercialização e serviços financeiros. Acrescenta que os serviços de aconselhamento agrícola, na lógica da procura, seriam fornecidos aos produtores. No entanto, citando um estudo realizado no Uganda, este autor adverte que os agricultores pobres não são mais susceptíveis em beneficiar desses serviços.

O contexto moçambicano não é diferente do descrito acima, tendo em conta que o país aderiu a vários compromissos regionais, como os da SADC¹⁴, e no âmbito da União Africana¹⁵, assumindo a responsabilidade de materializar a implementação dos seus postulados. Como tal, é(era) expectável que os planos e programas nacionais para o sector agrário, fossem um complemento para atingir os objectivos emanados nesses compromissos.

Segundo o PEDSA, a baixa produtividade agrícola no país deve-se a vários factores, dos quais destaca a baixa disponibilidade e acesso a insumos de qualidade e, por isso, o Estado pretende tomar decisões em áreas de política agrária como, por exemplo, subsídios e crédito à produção, para aquisição e distribuição de insumos, procurando expandir o programa de desenvolvimento de rede de provedores para melhorar o acesso dos agricultores¹⁶.

Na área de sementes, o Estado¹⁷ tem como objectivo geral, elevar a disponibilidade de acesso a sementes melhoradas, particularmente, para os pequenos e médios produtores, contribuindo para o desenvolvimento de uma agricultura comercial. Especificamente, pretende: (1) aumentar a produção nacional de semente melhorada; (2) melhorar os canais de distribuição até às zonas rurais; (3) aumentar a capacidade de processamento e conservação de sementes; e, (4) apoiar o fortalecimento de pequenas e médias empresas produtoras de sementes.

¹² Inoculante não é um insumo em si, sendo um acelerador de crescimento e de protecção contra pragas aplicado nas sementes, principalmente de soja.

¹³ Woodhouse, P. (2010) "Constrangimentos na produtividade da agricultura africana". Em Economia extractiva e desafios de industrialização em Moçambique. Maputo, IESE, pp. 175-193.

¹⁴ <https://www.tralac.org/documents/resources/sadc/1261>. Dar-Es-Salaam Declaration on Agriculture and Food Security in the SADC Region.

¹⁵ African Union (2006). Abuja Declaration on Fertilizer for an African Green Revolution.

¹⁶ Ministério da Agricultura (2011). *op. cit.* O programa de rede de provedores foi dos pontos acordados na Cimeira de Abuja.

¹⁷ Ministério da Agricultura (2011). Programa para o fortalecimento da cadeia de sementes.

Relativamente a fertilizantes, a Cimeira de Abuja recomendou, aos países signatários, o aumento, até 2015, do uso de 8 kg para, no mínimo, 50 kg por hectare¹⁸. Contudo, segundo os dados do Banco Mundial, até 2018, o uso de fertilizantes por hectare foi de 6,7 Kg¹⁹. Nessa linha, o Estado refere que a realização deste objectivo deverá ser acompanhada pela existência de uma rede de grossistas e de retalhistas constituindo um mercado de venda dos insumos a montante dos pequenos produtores²⁰.

O programa SUSTENTA contempla *kits* de insumos para cada cadeia de valor produtiva e refere que essas cadeias «foram definidas com base na matriz de produção nacional, potencial de geração de renda, fornecimento de matéria-prima à indústria local e na demanda do mercado global»²¹. O *kit* de milho é composto por NPK (50 kg), pesticida (250 ml), sementes de milho (12 kg) e de feijão bóer (5 kg), a um custo de 7.975,00 MZN; o de gergelim inclui NPK (50 kg), sementes de gergelim (2 kg) e feijão bóer (5 kg), a um custo de 4.455,00 MZN. O *kit* de soja inclui inoculante (500 g), semente de soja (30 kg) e pesticida (250 ml), a um custo de 3.515,00 MZN. Ambos são definidos para uma área de meio hectare.

Contudo, informações de terreno indicam que, na primeira fase do SUSTENTA, não se consideraram critérios técnico-científicos para a composição do *Kit*. Eram os produtores (PACE) que escolhiam as culturas que deviam compor o *kit* para a sua zona de produção. Como consequência, aconteceu que, em alguns casos, os produtores tiveram maior produção nas culturas de rendimento e déficit nas culturas alimentares, pondo em risco a segurança alimentar.

Os dados de campo indicam que, dos produtores que realizaram algum investimento na agricultura, 60% obtiveram alguma forma de empréstimo, enquanto 40% o fizeram sem crédito. Relativamente ao local de aquisição dos insumos, esta é maioritariamente realizada dentro do distrito e da respectiva província (gráfico 1) em que o produtor se encontra. Outra parte destes insumos pode ser adquirida localmente, principalmente nas sedes dos distritos e postos administrativos onde os PACE e Agro *Dealers* se encontram.

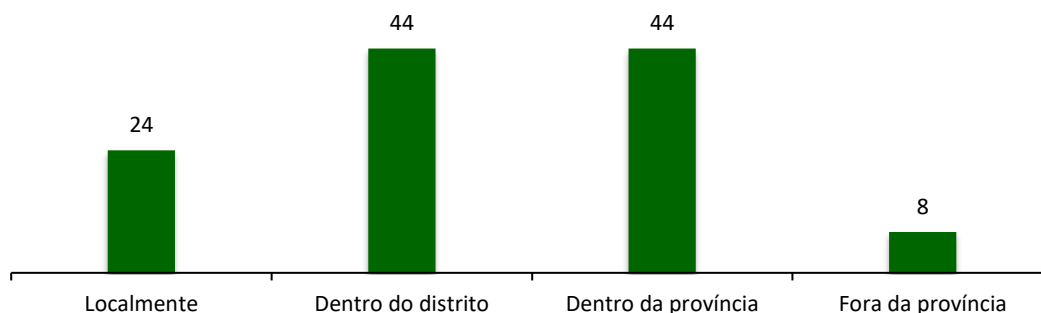
¹⁸. African Union (2006), *op. cit.*

¹⁹. Ver em: Mozambique - Fertilizer Consumption (kilograms Per Hectare Of Arable Land) - 2022 Data 2023 Forecast 1961-2018 Historical (tradingeconomics.com).

²⁰. Ministério da Agricultura (2012). Programa nacional de fertilizantes em Moçambique.

²¹. MADER (s/d). *op. cit.*

Gráfico 1
Local de aquisição de insumos de produção pelo PACE (em % de respondentes)



Nota: o inquérito previa mais de uma resposta, o que justifica as percentagens do gráfico.

Fonte: dados de campo

b) Mercado de capitais

A sustentabilidade do desenvolvimento económico depende da formação de capital e esta, por sua vez, só é possível quando a poupança é direccionada para o investimento²². Phillipe Hugon afirma que o papel do sistema financeiro no desenvolvimento (transformação de activos líquidos em activos ilíquidos, mutualização e transformação de riscos individuais, mobilização da poupança e crédito) é essencial²³, sendo um imperativo para o crescimento da agricultura, seja ela comercial ou familiar.

A insuficiência de capitais para a produção agrária tem sido uma questão recorrente em Moçambique²⁴ e amplamente reconhecida pelo Estado²⁵. Um dos serviços agrícolas que se pretende incrementar, para elevar a produtividade, é o crédito²⁶ e refere-se que se desenvolverão esquemas de crédito a que os produtores poderão aceder individualmente e/ou através de associações²⁷. Uma das componentes do SUSTENTA prevê, para os pequenos produtores, linhas de financiamento bonificadas e condicionadas ao fomento produtivo²⁸.

A maioria dos agricultores obteve crédito através do programa SUSTENTA, seguindo-se outras fontes, como vendedores de dinheiro (agiotas) e os obtidos nas lojas que possuem formas de apoio ao agricultor (gráfico 2). O crédito do SUSTENTA foi realizado em espécie (*kits* de insumos) e em comparticipação do Estado em 50% do investimento em equipamentos - doação"). Constatou-se, por outro lado, que os pequenos agricultores (PA) não têm estado a reembolsar o crédito, sendo uma das causas que faz com que a maioria já não esteja integrado no PACE da respectiva zona.

²². Negrão, J. (2003). "Como induzir o desenvolvimento em África? O Caso de Moçambique". Em O Economista n° 3. pp. 39-75.

²³. Hugon, P. (1999). A economia de África. Lisboa, ed. Vulgata.

²⁴. Mosca, J. (2005). Economia de Moçambique. Século XX. Lisboa, Instituto Piaget.

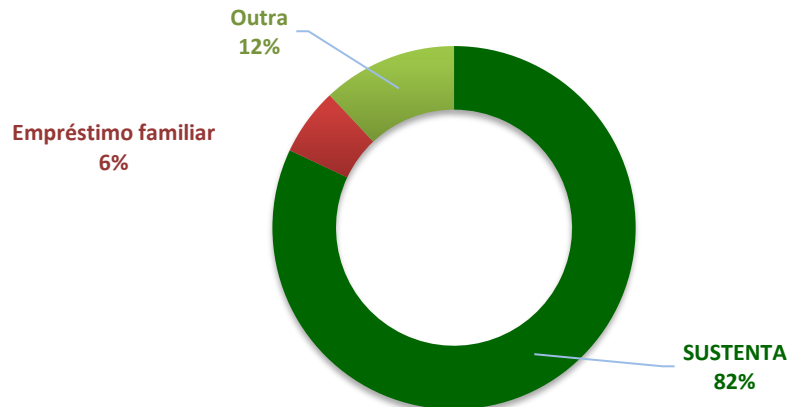
²⁵. Ministério da Agricultura (2013). Plano nacional de investimento do sector agrário (PNISA, 2013-2017).

²⁶. Ministério da Agricultura (2011). *op. cit.*

²⁷. Ministério da Agricultura (2013). *op. cit.*

²⁸. MADER (s/d). *op. cit.*

Gráfico 2
Principais fontes de financiamento do PACE (em % de respondentes)



Fonte: dados do inquérito realizado.

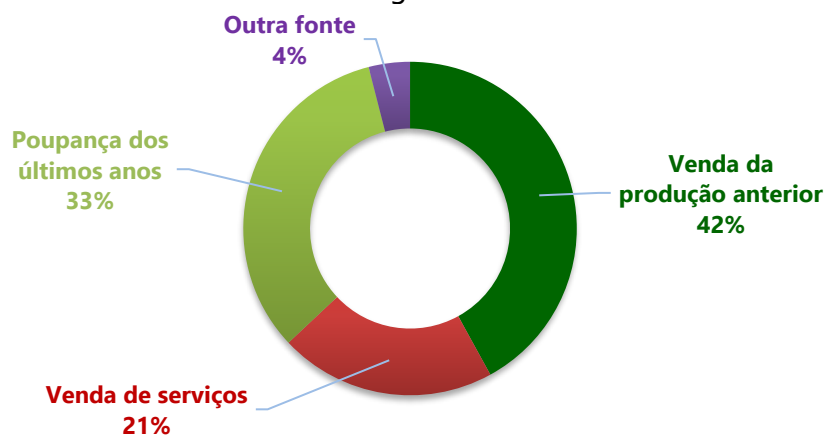
Sobre o não reembolso do crédito foram mencionados dois aspectos: (1) a semente fornecida no âmbito do SUSTENTA não era de qualidade desejada e, muitas vezes, não tinha poder germinativo²⁹; reforçando-se que a mesma, aparentemente melhorada/certificada, não se adequava aos solos de determinadas zonas; e (2) frisou-se que existem iniciativas similares, em que as organizações envolvidas apoiam os pequenos produtores com insumos a custo zero ou em sistema *voucher*, sem taxas de juro de empréstimo e/ou a preços baixos, mas que mesmo assim verifica-se um baixo nível de reembolso.

Não obstante, o SUSTENTA previa, ainda, crédito em dinheiro (especificamente para abertura de campos e para fundo de maneio), mas os resultados da pesquisa revelam que a totalidade dos inquiridos referiu ter recebido apenas empréstimo em *kits*, insumos e meios mecânicos (tractores, camionetas, alfaia agrícolas e outros)³⁰. Relativamente aos que realizaram algum investimento, sem obtenção de empréstimos (gráfico 3), as principais fontes para financiar a sua actividade agrícola foram a venda da produção da época anterior, poupanças financeiras dos últimos anos e venda de serviços.

²⁹. Isto foi reconhecido pelos colaboradores do programa ao nível das duas províncias, tendo afirmado que a semente distribuída no primeiro ano teve insuficiências na sua germinação, quase na totalidade das quantidades recebidas, prejudicando os produtores. Tal facto também aconteceu, com significativa incidência, no segundo ano.

³⁰. Os meios mecânicos foram para os PACE.

Gráfico 3
Principal fonte de financiamento do PACE investidos, mas sem empréstimo do Programa



Fonte: dados do inquérito realizado.

b) Mercado de produtos ao nível do produtor

Um dos constrangimentos da produtividade e produção agrícola tem sido o mercado, a ligação entre áreas produtivas e as de maior procura, com consequências sobre o acesso aos mercados mais vantajosos para os pequenos agricultores³¹. Como tal, o enfoque de actuação seria direccionado para o melhoramento das estruturas relacionadas com os mercados agrícolas, da qualidade e dos padrões dos produtos agrícolas, e no valor acrescentado e lucratividade dos actores ao longo de toda a cadeia³².

No âmbito do SUSTENTA, pretendia-se que o PACE, como integrador, teria a capacidade de adquirir a produção do pequeno produtor, armazenar e realizar o processamento primário, com foco no mercado³³. Por outro lado, assumia-se que o mesmo procura melhorar o acesso aos mercados e a capacidade de negociação por parte dos pequenos agricultores vinculados ao programa. Na zona estudada, os dados (gráfico 4) indicam que a ligação entre o PACE e os respectivos PA, na função de comercialização da produção, foi muito fraca.

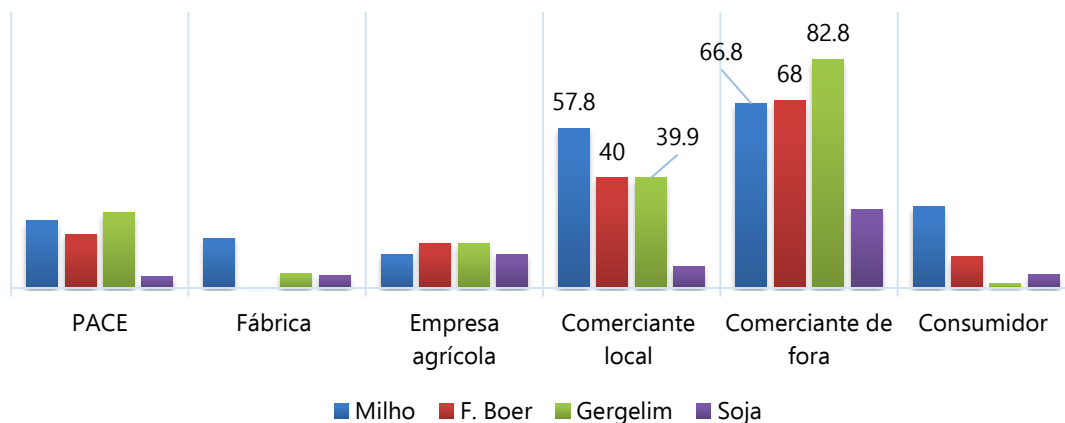
A comercialização foi dominada pelos comerciantes, com destaque para os que chegam de outras regiões, dentro e fora das duas províncias, montam postos de compra junto de mercados e principais vias de acesso nas localidades. A maioria destes são comerciantes temporários, que aparecem apenas na época de colheita, sem algum investimento em infra-estruturas, e com maior facilidade de acesso ao crédito para pagamento da compra. Com este poder aquisitivo, provocam uma inflação nos preços e posteriores distorções de mercado.

³¹. Ministério da Agricultura (2013). *op. cit.*

³². Ministério da Agricultura (2011). *op. cit.*

³³. MADER (s/d). *op. cit.*

Gráfico 4
Principal comprador, segundo cultivos - PA (em percentagem de respondentes)



Nota: o inquérito previa mais de uma resposta, o que justifica as percentagens do gráfico.
Fonte: dados do inquérito realizado

Grande parte das vendas do produtor foi realizada nas zonas de produção, com os comerciantes principalmente oriundos de outros pontos (gráfico 4). Esta constatação indica que a maior parte da produção tem o seu processamento primário e consumo fora das localidades ou distritos onde ela é produzida, não trazendo benefícios para outros actores locais. Conclui-se, portanto, que a produção cria receitas que não geram valor acrescentado ou emprego locais.

O PEDSA refere que uma das problemáticas no sector agrário é a fraca capacidade de resposta dos agricultores aos sinais de preços dos produtos agrícolas, situação reforçada pela fraca disponibilidade de informação sobre preços agrícolas³⁴. Neste contexto, o PNISA preconiza, como um dos factores fundamentais para o aumento da produção e produtividade, a provisão e disponibilização atempada de informação de preços³⁵.

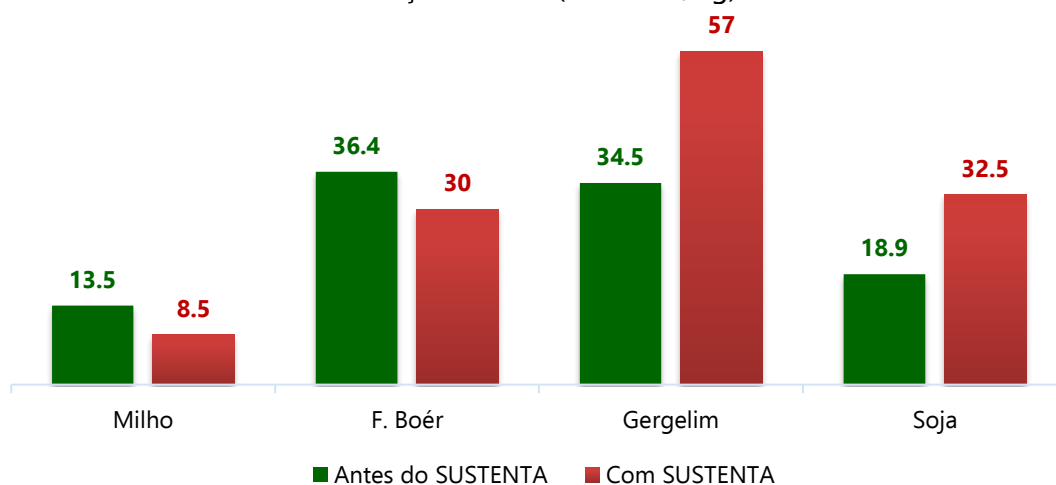
Os dados do estudo mostram que a maioria dos produtores (84%) tem conhecimento dos preços dos produtos localmente produzidos no momento da comercialização e apenas 16% teve informações sobre os preços a praticar logo no início da campanha agrícola, o que supõe que o sistema de informação sobre preços não está divulgado nesta zona.

São apresentados, no gráfico 5, os preços de quatro produtos que foram mais evidenciados durante o estudo de campo e que, coincidentemente, foram mais promovidos pelo programa, referentes ao período imediatamente a seguir à colheita. Os dados indicam que o gergelim é a cultura com melhor preço ao produtor, enquanto o milho tem o preço mais baixo. Observando-se, comparativamente ao ano 2016, a queda de preços do milho e do feijão bóer.

³⁴. Ministério da Agricultura (2011). *op. cit.*

³⁵. Ministério da Agricultura (2013). *op. cit.*

Gráfico 5
Preços médios (em MZM/Kg)



Fonte: dados de campo, para o período de SUSTENTA; para o período anterior (2016)³⁶, ver INE (Delegações de Nampula e Zambézia). Folheto Estatístico Provincial 2017.

Os produtores dos distritos de Mocuba e Alto Molocué afirmaram que a queda de preços do milho e feijão bóer iniciou em 2017, levando muitos deles a reduzir a área dedicada a estas culturas, o que impactou, não somente, nos rendimentos dos produtores, mas também, nos salários oferecidos à mão-de-obra contratada para as tarefas agrícolas. Por outro lado, a redução das áreas e da respectiva produção pode implicar a redução das quantidades disponíveis para a venda e, directa ou indirectamente, para a segurança alimentar das famílias.

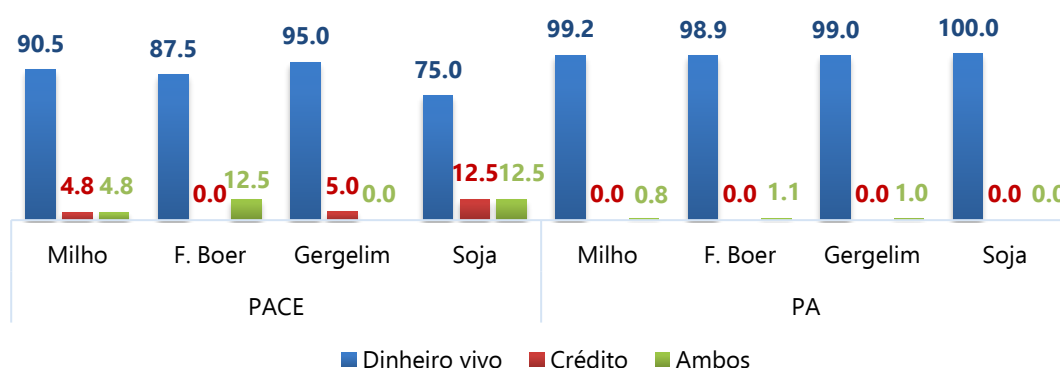
Efectivamente, em 2016, Moçambique assinou um Acordo com a Índia para a exportação de 125 mil toneladas de feijão bóer, o que se reflectiu no aumento do número de produtores e de área cultivada, tendo resultado numa produção de cerca de 250 mil toneladas. Contudo, paralelamente, a Índia estimulou a produção doméstica cujo resultado levou o governo indiano a tomar medidas de protecção dos seus produtores e, conseqüentemente, ao colapso do preço desta leguminosa no mercado internacional. A queda de preços registou-se, simultaneamente, noutras culturas, por exemplo, no milho³⁷.

³⁶. Antes do SUSTENTA refere-se ao período anterior a 2016/20017; e com o SUSTENTA refere-se ao período entre 2017-2019/2020.

³⁷. Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar (2017). Análise da cadeia de valor do feijão bóer em Moçambique. Políticas públicas e Plano de acção. Maputo, MASA.

A fixação dos preços é feita tendo em conta o preço praticado no mercado local, geralmente imposto pelo comprador que beneficia de uma estrutura monopsonica ou oligopolica do lado de procura³⁸, não existindo evidências de alguma relação com outros factores, como, por exemplo, os custos de produção. Relativamente às modalidades de pagamento ao produtor, o gráfico 6 indica que a quase totalidade das culturas produzidas e comercializadas foram transaccionadas a *cash*, sendo que 12,5% do feijão bóer foi transaccionado a crédito.

Gráfico 6
Formas de pagamento utilizadas pelo PACE e PA (em percentagem de respondentes)



Fonte: dados de campo

3. CONCLUSÃO

A análise de mercados, neste texto, focou duas componentes: a) o acesso a insumos agrícolas e a capitais e, b) a venda e fluxos da produção. Em relação aos insumos, não se observaram alterações significativas na primeira fase do SUSTENTA, o circuito de venda continuou o mesmo. Aconteceu que, ao contrário do desejável, as sementes disponibilizadas por via do programa possuíam deficiências de germinação. Por outro lado, a composição dos *kits* não observou critérios técnicos e correspondeu ao desejo do PACE, o que também não traduz o desejo da maioria dos pequenos produtores.

O mesmo se refere ao mercado de capitais, em que os serviços financeiros foram insuficientes para a maioria dos produtores abrangidos nesta fase. O mercado da produção agrícola observou o mesmo rumo. A ligação foi mais forte entre os PA do que entre os PA e o PACE. Neste sentido, o papel do PACE como agregador, e que poderia adquirir a produção dos PA para o mercado, quase não aconteceu.

³⁸ Monopsónio acontece quando existe um agente económico do lado da procura (comprador), adquirindo bens a muitos vendedores, e o oligopólio do lado da procura diferencia-se do monopsónio quando existe um número pequeno de compradores que dominam o mercado de um ou vários bens.

Os preços do milho e feijão bóer sofreram uma contracção, não devido ao aumento da produção, mas, sim, pela incapacidade de procura de mercados e porque os produtores não tiveram acesso a informação de mercado e de preços de produtos agrícolas.

Desde a fase inicial do programa, os PACE não têm cumprido a função de agente facilitador no estabelecimento das ligações dos pequenos produtores (PA) com os mercados de capitais, de insumos e da produção. A informação sobre os preços é limitada. Os comerciantes de fora/sazonais são os que mais adquirem a produção dos PA, sendo que os PACE, as fábricas, as empresas agrícolas e os consumidores directos têm um peso muito baixo na aquisição da produção. Inversamente, o crédito é assegurado principalmente pelo SUSTENTA, em forma de *kits* de insumos e equipamentos agrícolas, existindo uma elevada percentagem de não-reembolso dos empréstimos, alegando-se que existiu a percepção dos produtores que os *kits* eram de fornecimento gratuito (especificamente dos *kits* de insumos). Os preços de gergelim e soja aumentaram entre os períodos imediatamente antes e durante a implementação do SUSTENTA. A diferença dos preços do milho em relação às outras três culturas é grande, o que terá certamente efeitos na evolução das produções destas culturas.

Em síntese, a estrutura dos mercados não se alterou significativamente, embora com novos agentes económicos, mantendo-se o produtor (vendedor) em situação de desvantagem em relação aos compradores, as variações de produção são coincidentes com a evolução dos preços penalizando a cultura alimentar principal (o milho). Os PACE desenvolvem parcialmente as suas funções e, no caso das tarefas relacionadas com os mercados, a intervenção é muito limitada. Realça-se o fornecimento pelo SUSTENTA de equipamentos e insumos em forma de *kits*, cujos efeitos serão analisados num outro texto. Concluindo, o SUSTENTA, durante o período, ainda curto de implementação, não introduziu significativas alterações nos mercados, somente introduziu tecnologia suportada por recursos do projecto e a concepção de implementação manifestou-se ineficaz.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito, o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores

E-mail: office@omrmz.org
Endereço: Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar.
Maputo – Moçambique
www.omrmz.org